

## FONEMA, ALOFONE E ARQUIOFONEMA

### **META**

Apresentar vários conceitos de fonema e os de alofones e arquiofonemas

### **OBJETIVOS**

Ao final dessa aula o aluno deverá:  
reconhecer fonemas do português;  
identificar os traços distintivos de um fonema.

distinguir alofones de fonemas

distinguir arquifonemas de fonemas e de alofones.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Aula 02: o aparelho fonador e os tipos de som



(Fonte: <http://www.coesis.org>).

**N**a aula 02 você reconheceu os diversos tipos de sons que o nosso aparelho fonador é capaz de produzir, sempre exemplificando com fonemas do português. Aquele estudo que fizemos era sob uma perspectiva fonética, agora vamos fazer um estudo sob a perspectiva fonológica. É importante sempre ter em men-

### INTRODUÇÃO

te que quando trabalhamos com os fonemas estamos trabalhando com a língua falada. Nesta aula, vamos apresentar o conceito de fonema, um conceito muito importante para o estudo da nossa disciplina, fonologia da língua portuguesa. Além disso, veremos a relação entre a letra e o fonema para que você não se atrapalhe quando formos classificar os fonemas uma vez que teremos que fazer isso pela escrita. Veremos também que os fonemas variam.



Um dos objetivos de uma análise fonológica ou **fonêmica** é definir quais são os sons de uma determinada língua que têm valor distintivo. Dito de outra forma, quais são os sons que servem para distinguir palavras nessa língua. Por exemplo, quando você troca o p por um b na palavra pato tem como resultado a palavra bato, que tem um significado diferente de pato. Por isso dizemos que /p/ e /b/ são fonemas da língua portuguesa. Cada língua dispõe de um determinado número de fonemas cuja função é determinar a diferença de significado de uma palavra em relação à outra. O fonema é então a menor unidade fonológica da língua e para diferenciá-lo da letra o escrevemos entre barras. Para Saussure, “Os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas.” (Saussure, 1997, p.138) Os fonemas são considerados entidades opositivas porque retiram a sua significação da oposição com todos os outros fonemas de uma língua. O que importa nos fonemas são as diferenças, que servem para distinguir palavras. Esse é o único valor lingüístico do fonema. O valor de /p/ está em sua oposição a um /b/, a um /t/, a um /d/ como em pato, bato, tato, dato, mato, cato, gato etc... Os fonemas são entidades relativas porque seu valor está na relação entre eles, ou seja, os mesmos fonemas /m/, /a/, /l/, /a/ podem formar tanto a palavra *mala*, quanto *lama*, quanto *alma*, se modificarmos apenas a relação entre os mesmos fonemas. Os fonemas são entidades negativas porque não são unidades possuidoras de significado. Um v não significa nada, mas se você trocar o v de vela por b encontrará bela que tem significado diferente.

Com base na idéia de que o fonema era **divizível** em unidades menores, Jakobson define o fonema como feixe de traços distintivos. O fonema /p/, por exemplo, é caracterizado por quatro traços distintivos, como vimos na aula 02:

a) Uma interrupção momentânea da corrente de ar determinada pelo fechamento momentâneo da boca, o que torna o /p/ uma consoante oclusiva.

## ANÁLISE FONOLÓGICA

### Fonêmica

Termo criado na escola norte-americana para o estudo que, ao lado da fonética e ao contrário dela, focaliza apenas o fonema sem se preocupar com a realidade física integral do som da fala. (MATTOSO, 2001).

### Divizível

Que pode ser dividido.

b) Esse fechamento é determinado pelo encontro dos lábios, o que torna o /p/ uma consoante bilabial.

c) Uma abertura da glote, que permite o ar passar livremente pela laringe sem que as cordas vocais vibrem, o que torna o /p/ uma consoante surda.

d) Um fechamento da cavidade nasal, permitindo que o ar saia totalmente pela boca, o que torna o /p/ uma consoante oral.

O fonema /p/ é, portanto, uma consoante, oclusiva, bilabial, surda, oral. Não existe nenhum fonema que tenha apenas um desses traços, eles se realizam em feixes como diz Jakobson. Não são conjuntos porque não têm organização. A unidade fônica é o fonema, e as qualidades distintivas (oclusiva, bilabial, surda, oral) essas, sim, é que são **indecomponíveis**. A relação de dois fonemas é complexa e susceptível de comportar várias oposições simples; assim, em português, a distinção dos fonemas /p/ e /b/ comporta uma única oposição: a da sonoridade. Em outras palavras, os fonemas /p/ e /b/ são semelhantes em tudo (são consoantes, oclusivas, bilabiais, orais) e só se diferenciam em relação à sonoridade, enquanto o /p/ é surdo, o /b/ é sonoro. Veja:

## Indecomponíveis

Indivisível, não dividido.

/p/	/b/
consoante	consoante
oclusiva	oclusiva
bilabial	bilabial
oral	oral
<b>surda</b>	<b>sonora</b>

Na língua portuguesa, os fonemas oclusivos /p e b, t e d, k e /, e os fricativos /f e v, s e z, ʃ e ʒ/ se diferenciam pelo traço da sonoridade; ou seja, um é surdo e o outro é sonoro. São surdos /p, t, k, f, s, ʃ/; e são sonoros /b, d, g, v, z, ʒ/

Um mesmo indivíduo não realiza nunca, duas vezes seguidas, o mesmo som da mesma maneira. Dito de outra forma, se você repetir a mesma palavra várias vezes, ela não será realizada da mes-

ma forma. Existem aparelhos que acusam essas diferenças. Mas como não é isso que interessa aos falantes, eles identificam sempre determinado som de uma língua, cada vez que é ouvido, como sendo o mesmo som e não outro. Ou seja, o nosso ouvido não percebe essas diferenças que não levam a uma mudança de significado. Isso só é possível devido aos traços distintivos. Mas nem todos os traços distintivos funcionam em todos os fonemas da mesma forma. Por exemplo, vimos como o traço da sonoridade, nos fonemas oclusivos e fricativos, distingue fonemas na língua portuguesa, entretanto, em relação às laterais (/l,ʎ/), esse mesmo traço (sonoridade) não é pertinente, porque todas as laterais são sonoras. Assim o traço que vai distinguir o /l/ do /ʎ/ é o ponto de articulação. O /l/ é alveolar enquanto o /ʎ/ é palatal. Veja:

/l/	/ʎ/
consoante	consoante
lateral	lateral
oral	oral
sonora	sonora
<b>alveolar</b>	palatal

## UM POUCO DE HISTÓRIA

Nos fins do século XIX, Baudouin de Courtenay emprega pela primeira vez o termo fonema, mas esse termo não tinha o significado que tem hoje. Courtenay via o fonema como um som ideal que o falante desejava produzir. Segundo ele, o fonema era o equivalente psíquico do som da fala. Somente em 1927, com o Círculo Lingüístico de Praga, o conceito de fonema foi formulado com precisão. Por isso, antes dessa data é difícil saber quando os autores estão falando do fonema



**Pertinente**

Essencial. O Princípio de pertinência tem como objetivo constatar o que é distintivo numa determinada língua ou num uso linguístico.

**Dissimilitude**

Dessemelhança, não semelhante.

**Par mínimo**

Diz-se de duas palavras que diferem em significação quando apenas um dos elementos é alterado, como em bato e pato.

ou do som da fala. É com o livro *Princípios de Fonologia* de Trubetzkoy que o fonema passa a ser considerado de acordo com a função que desempenha numa língua. Trubetzkoy conceitua o fonema como uma unidade funcional abstrata, a unidade mínima distintiva do sistema de som, e é como unidade funcional que o fonema deve ser definido. Mais tarde, no livro *Language*, Bloomfield define os fonemas como unidades mínimas de traços fônicos distintivos, indivisíveis. Esse conceito de fonema como elemento mínimo de uma língua permitiu à lingüística moderna um grande avanço metodológico, porque lhe forneceu uma unidade segmentável de análise. Essas mesmas técnicas seguidas para o estabelecimento dos fonemas foram estendidas para os outros níveis de descrição gramatical. Essa noção já estava implícita na dicotomia saussureana langue-parole, apesar de Saussure não ter formulado a sua conceituação.

Além de Trubetzkoy, Jakobson tem um papel importante nos estudos fonológicos. A partir de sua conceituação de fonema como feixe de traços distintivos, os seguidores da escola de Praga passam a ver o fonema como a soma das particularidades fonologicamente **pertinentes** que uma unidade fônica comporta. Jakobson afirma: “O único conteúdo lingüístico, ou em termos mais amplos, o único conteúdo semiótico do fonema é a sua **dissimilitude** em relação a todos os demais fonemas de um dado sistema. Um fonema significa uma coisa diferente do que outro fonema significa na mesma posição; é o seu único valor.” (JAKOBSON, 1977, p. 60)

## A IDENTIFICAÇÃO DOS FONEMAS

Um dos objetivos da Fonologia é estabelecer o sistema fonológico das línguas, ou seja, o conjunto de elementos abstratos relacionados entre si que o falante utiliza para diferenciar e delimitar as unidades significativas de sua língua. O procedimento habitual de identificação de fonemas é buscar duas palavras com significados diferentes cuja cadeia sonora seja idêntica. Essas duas palavras constituem um **par mínimo**. Par mínimo é então dois vocá-

bulos que se distinguem apenas por um fonema. Chegamos a essa conclusão através de um procedimento denominado teste de **comutação**. Comutação é a troca de um fonema por outro em um vocábulo. É pelo teste de comutação que se depreendem os fonemas de uma língua. Fazemos um teste de comutação quando alteramos o significante em um único ponto e verificamos se há alteração de significado. Por exemplo, par  $\neq$  bar; pato  $\neq$  bato; pote  $\neq$  bote; pelo  $\neq$  belo; limpo  $\neq$  limbo; cabo  $\neq$  capo etc. Basta que haja mudança de significação apenas em um contexto para que essas duas unidades sejam fonemas diferentes.

A noção de fonema permitiu que os linguistas agrupassem os **fonemes** semelhantes foneticamente como variantes, ou membros, do mesmo fonema. Veremos as variantes mais adiante nesta mesma aula.

Aquilo que é essencial e contingente varia muito de língua para língua.

Em francês, o início de *kilo* e o de *courage* se articulam de maneira muito diferente, o primeiro em direção à parte anterior da boca contra o palato duro, o segundo em direção à parte posterior contra o véu do palato. Mas, na nossa língua, a escolha de uma ou outra é automaticamente determinada pela vogal que segue; há pois em francês um único fonema /f/ cuja articulação se adapta ao contexto. Isto, entretanto, não vale para todas as línguas; em esquimó, por exemplo, pode-se ouvir o [k] de *courage* diante de *i* e o [k] de *kilo* diante de *ou*. Conforme o que desejam dizer, os esquimós escolherão um ou outro. Há pois, em esquimó, dois fonemas onde os franceses só conhecem um. (MARTINET, 1974, p. 38)



(Fonte: <http://www.coesis.org>).

### Comutação

Troca, substituição.

### Fone

Unidade mínima da fonética, transcrita entre colchetes, por exemplo [p].

Nem todos os fonemas da língua têm necessariamente correspondência gráfica coerente, ou seja, letra e fonema são elementos que não podem ser confundidos, por isso usamos as barras para identificar os fonemas na escrita. Há fonemas que correspondem a uma e apenas uma letra como é o caso do /p/; entretanto, há outros que podem ser representados por mais de uma letra como é o caso do fonema /z/ (zelo, casa, exemplo).

Já há alguns anos eu fiz uma equivalência em relação ao português dos fonemas e das letras que eu chamei de Sistema fonológico e sistema ortográfico.





## 3. Letras que representam mais de um fonema

i = / i / - fita / y / - foi	c = / k / - caso / s / - cedo	r = / R / - caro / h / - rato, porta / h / - carga ∅ - amar
x = /kis / - fixo		
u = /u / - veludo /w / - céu	s = / s / - sala / z / - piso / ʒ / - teste	m = / m / - mola /wm/ - amam /ym/ - amém
o = / o / - tolo / ɔ / - jóia /u/ - belo /w/ - cão	z = / z / - zona / s / - nariz	n = / n / - nada /yn/ - hífen
e = / e / - ateu / ε / - réu / i / - escada /y / - mãe	l = / l / - lado /w / - bolsa ∅ - azul	x = / ʃ / - enxada / s / - máximo / z / - êxodo
d = / d / - dado /dʒ/ - doido	g ≠ /g / - gato / ʒ / - gema	t = / t / - tato / tʃ / - oito

4. Fonemas não representados ortograficamente: / i / = abdicar, pneu, ritmo.

5. Letra sem correspondência fonológica: h = ∅ humor, homem, há.

À medida que formos classificando os fonemas você vai se familiarizando mais com os símbolos apresentados aqui, mas eu preferi colocar logo essa correspondência para ajudar a entender a exemplificação. Espero que não tenha complicado muito. Nas aulas seguintes vamos continuar a fazer transcrições fonológicas.



## ATIVIDADES

1. Forneça exemplos (palavras) de pares mínimos em que a oposição distintiva se estabeleça através dos fonemas:

/s/, /z/ = \_\_\_\_\_

/ʃ/, /ʒ/ = \_\_\_\_\_

/m/, /n/ = \_\_\_\_\_

/t/, /d/ = \_\_\_\_\_

/r/, /R/ = \_\_\_\_\_

/l/, /ʎ/ = \_\_\_\_\_

/a/, /ɛ/ = \_\_\_\_\_

/e/, /i/ = \_\_\_\_\_

/o/, /u/ = \_\_\_\_\_

/a/, /i/ = \_\_\_\_\_

2. Reconheça os casos de par mínimo em:

- ( ) cinto – cito
- ( ) braço – baço
- ( ) integrar – entregar
- ( ) porto (s) – porto (v)
- ( ) nascimento – valimento
- ( ) senti – sentiu
- ( ) percebido – partido
- ( ) amoral – imoral
- ( ) infligir - infringir
- ( ) mora - mola

3. Complete a dupla de vocábulos que comprova a pertinência na língua portuguesa dos fonemas indicados:

- a) /p/ x /b/ = pois x \_\_\_\_\_  
 b) /n/ x /d/ = nessa x \_\_\_\_\_  
 c) /a/ x /ɛ/ = caro x \_\_\_\_\_  
 d) /g/ x /v/ = \_\_\_\_\_ x varra  
 e) /v/ x /s/ = \_\_\_\_\_ x sela  
 f) /p/ x /k/ = para x \_\_\_\_\_  
 g) /ʃ/ x /ʒ/ = \_\_\_\_\_ x ajo  
 h) /ʎ/ x /n/ = melhor x \_\_\_\_\_  
 i) /m/ x /f/ = \_\_\_\_\_ x fala  
 j) /a/ x /u/ = seda x \_\_\_\_\_

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Você pode colocar esses ou outros nomes. Veja apenas que devem ser palavras que se diferenciem apenas pelos fonemas pedidos com o em:

/s/, /z/	= selo, zelo; assar, azar;
/ʃ/, /ʒ/	= chato, jato; acho, ajo, lixeiro, ligeiro;
/m/, /ɲ/	= temo, tenho; limo, linho;
/t/, /d/	= tela, dela; pote, pode;
/r/, /R/	= caro, carro; era, erra, vara, varra;
/l/, /ʎ/	= fala, falha; mala, malha; fila, filha.
/a/, /ɛ/	= pala, péla; bala, bela; pá, pé.
/e/, /i/	= fez, fiz; temo, timo;
/ɔ/, /u/	= gola, gula; mola, mula
/a/, /i/	= fala, fila; lama, lima; faca, fica

2. Nesse exercício você deve ter presente o que é um par mínimo. Existe par mínimo quando duas palavras diferem em significação apenas por um elemento. Veja a correção:

- ( X ) cinto – cito
- ( X ) braço – baço
- ( ) integrar – entregar
- ( X ) porto (s) – porto (v)
- ( ) nascimento – valimento
- ( X ) senti – sentiu
- ( ) percebido – partido
- ( X ) amoral – imoral
- ( ) infligir - infringir
- ( X ) mora- mola

3. Esse exercício é fácil, não é mesmo? Parece uma brincadeira. Talvez você não tenha encontrado logo aqueles que se escrevem diferente como caro x quero, ou como seda x cedo.

- a. /p/ x /b/ = pois x bois
- b. /n/ x /d/ = nessa x dessa
- c. /a/ x /ɛ/ = caro x quero
- d. /g/ x /v/ = garra x varra
- e. /v/ x /s/ = vela x sela
- f. /p/ x /k/ = para x cara
- g. /ʃ/ x /ʒ/ = acho x ajo
- h. /l/ x /n/ = melhor x menor
- i. /m/ x /f/ = mala x fala
- j. /a/ x /u/ = seda x cedo

Bloomfield nasceu em Chicago, em 1887. Fez a graduação na Universidade de Harvard em 1906 e recebeu o título de doutor em 1909. Em 1924 fundou a Sociedade Lingüística da América. Foi precursor juntamente com Sapir do Estruturalismo Americano. Seu livro *Language* (1933) sintetiza a teoria e a prática de análise lingüística e é um texto clássico de Lingüística Estrutural. Foi professor de Harris.

O Círculo Lingüístico de Praga foi fundado em 1926 e reuniu lingüistas tchecos e russos como Trubetzkoy, Jakobson e Mathesius. Em 1929, no Primeiro Congresso Internacional de eslavistas, em Praga, descrevem as tarefas da lingüística. Esse programa é conhecido como “As teses de 1929” e apresenta os princípios da lingüística funcional.

Jakobson nasceu em Moscou em 1896. Depois de muitas atividades de relevo em seu país, na área da lingüística, onde fundou o “Cercle of Linguistique de Moscou”, a revolução e duas guerras levaram-no a peregrinar por diferentes países escandinavos, entre os quais Copenhague, onde funda o “Círculo Lingüístico de Praga” com Trubetzkoy e Mathesius com a intenção firme de mostrar a importância do estudo dos sistemas de signos, na linha de Saussure. Mais tarde, fixa-se nos Estados Unidos, Nova York, sua última morada. Amigo de Mattoso Câmara, visitou o Brasil no final da década de sessenta, brindando o Rio de Janeiro com conferências, uma das quais no Museu Nacional.

## ALOFONES

O fonema pode variar na sua realização. Dependendo de certas circunstâncias da enunciação, os traços distintivos dos fonemas podem sofrer alteração. Cria-se, assim, o conceito de alofone ou variante dentro do conceito de fonema. Alofones ou variantes são os vários sons que realizam um mesmo fonema.

Se substituirmos o [a] de tapo por [i], obteremos tipo, uma outra palavra porque [a] e [i] representam dois fonemas. Para alguns falantes da língua portuguesa (cariocas, por exemplo), ocorre em tipo uma diferença fonética adicional: o som que precede o [i] não é o mesmo que precede o [a]. Agora temos algo como tch, que será representado com o sinal [tʃ]. Em português, apesar de [t] e [tʃ] serem dois sons vocais diferentes, não são dois fonemas. Eles são unidades diferentes para a fonética, porque são dois sons produzidos diferentemente, mas não correspondem a elementos distintos no sistema fonológico do português, pois não estabelecem oposição entre palavras. Na língua portuguesa, [tʃ] é apenas uma outra pronúncia, ou seja, um alofone do fonema /t/, usado em algumas regiões do Brasil como o Rio de Janeiro quando depois do /t/ vem um /i/. Aqui em Sergipe há esta mesma realização, só que em outro contexto. Quando antes do fonema /t/ vem uma semivogal anterior /y/, aqui em Aracaju, nós realizamos o fonema /t/ como [tʃ]. Palavras como oito são normalmente pronunciadas como [ˈoitʃu]. Identificamos os alofones ou variantes de um mesmo fonema através do método de distribuição complementar. Em fonologia, dizemos que há distribuição complementar quando duas unidades fonéticas não ocorrem nunca no mesmo contexto, ou seja, se encontram em ambientes mutuamente exclusivos por isso mesmo não podem distinguir palavras. Foi isso que vimos com as duas realizações do fonema /t/. Assim [t] e [tʃ] se encontram em distribuição complementar, e são reconhecidos como alofones do mesmo fonema pelos fonologistas. Devemos observar que a aplicação do princípio da distribuição complementar em geral corresponderá muito bem ao julgamento do falante nativo, que não estudou fonética, a respeito do que é e do que não é o

mesmo som. O falante nativo aprendeu a reagir a certas diferenças fonéticas como funcionais na sua língua e a ignorar outras como irrelevantes para a comunicação. É claro que não é só a distribuição complementar a condição suficiente para considerar um determinado som como variante de um mesmo fonema. “O primeiro, e mais importante critério suplementar (ao qual a maioria dos lingüistas daria tanto valor quanto à condição da distribuição complementar) é o da semelhança fonética” (LYONS. 1979. p. 117).

A distinção entre [t] e [tʃ] é acidental na língua portuguesa. Mas podem existir línguas em que essa distinção seja fonológica. Lembremos sempre que na fonologia o que importa é que existam significados diferentes, o que acontece com tia e dia, mas não acontece com [tia] e [tʃia]. Aqui em Sergipe mesmo pronunciamos [tia], temos o mesmo significado, a irmã de meu pai ou de minha mãe, não é mesmo? Assim temos que na língua portuguesa o fonema /t/ ocorre como alofone [tʃ] diante de [i] e como alofone [t] nos demais ambiente, em relação ao dialeto do Rio de Janeiro. Note que o fonema é transcrito entre barras transversais, e os alofones

são transcritos entre colchetes. Isso se faz para caracterizar os diferentes níveis de representação: fonética (entre colchetes) e fonológica (entre barras). Optamos por representar os alofones [t] e [tʃ] pelo fonema /t/. Essa escolha geralmente se dá por aquele alofone que ocorre mais ou é mais geral em termos de distribuição. O alofone com ocorrência mais restrita ou específica vai representar um dos alofones daquele fonema. Assim é que escolhemos /t/ para representar o fonema dos alofones [t] e [tʃ] porque o alofone [t] ocorre de maneira mais abrangente. O alofone [tʃ] tem ocorrência mais restrita, ocorre apenas diante de [i].



Alto falante (Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br>).

Há, aliás, dois tipos muito diferentes de alofones. Um deles depende do ambiente fonético em que o som vocal se encontra. Dá-se uma assimilação aos traços dos outros sons contíguos ou um afrouxamento ou mesmo mudança de articulações em virtude da posição fraca em que o fonema se acha (por exemplo, nas vogais portuguesas, a posição átona, especialmente em sílaba final). Esses alofones, ou variantes do fonema, são ditos posicionais. Já outro tipo é o da variação livre, quando os falantes da língua divergem na articulação do mesmo fonema ou um mesmo falante muda a articulação conforme o registro em que fala. São os alofones ou variantes livres, como sucede em português com o a /r/ forte, pronunciado, como vimos, pela maioria dos falantes como um som velar, ou uvular, ou mesmo com uma mera vibração faríngea, e por outros, em minoria, como uma dental múltipla (isto é, resultante de uma série de vibrações da ponta da língua junto aos dentes superiores) (MATTOSO CÂMARA Jr., 2002, p. 35).

São alofones posicionais as realizações do /t/ de que vimos falando. Já quando temos duas pronúncias possíveis, ou seja, quando dois segmentos em variação livre ocorrem no mesmo ambiente sem prejuízo de significado, temos os alofones livres. Um exemplo de variação livre em português é a alternância de vogal oral e nasal em posição pretônica em palavras não derivadas: [ba 'nanɔ] e [bã 'nanɔ] “banana”.

Teorias pós-fonêmicas que analisam a variação e mudança lingüística demonstram que a “variação livre” na verdade é condicionada por fatores extralingüísticos como localização geográfica, grau de escolaridade, classe social, sexo, idade, entre outros. A disciplina que investiga tais fatores é a sociolingüística (SILVA, 2007 p. 133).

Além desses dois tipos de que fala Mattoso Câmara há ainda um terceiro tipo que ocorre por intenção comunicativa, enriquecendo a articulação de algum traço não habitual é a variante

estilística. Um exemplo dela, bem comum, a gente encontra quando os radialistas estão irradiando os jogos da copa do mundo. Quando o gol é do Brasil há um alongamento da vogal como se o radialista não fosse acabar de falar, dando um som [gooooooooo] para indicar seu entusiasmo, sua emoção. Se o gol é do país contrário não há essa pronúncia prolongada. Dos três tipos, “Os alofones posicionais têm muita importância para caracterizar o conjunto de fonemas da língua. Eles dão o sotaque da nossa fala, ...” (Mattoso Câmara Jr., 2002, p.35) distinguem, por exemplo, a fala do baiano da fala do sergipano.

Na fonologia temos ainda o conceito de neutralização, que não deve ser confundido com o de variação. A neutralização é um “termo usado na fonologia para descrever o que acontece quando a distinção entre dois fonemas se perde em um determinado ambiente.” (CRYSTAL, 1988, p. 181). As palavras carro e caro se distinguem pela oposição entre a vibrante múltipla /ʀ/ e a vibrante simples /r/. Já em rio, ramo, rede só empregamos a vibrante múltipla, e em bravo, prêmio, frevo usamos apenas a vibrante simples. Esses exemplos mostram que somente entre vogais existe oposição entre a vibrante simples - caro - e a vibrante múltipla - carro. Nas outras posições, a oposição /ʀ/ =/= /r/ fica neutralizada, ou porque ocorre apenas uma delas (vibrante múltipla em rio, ramo, rede e vibrante simples em bravo, prêmio, frevo), ou porque a ocorrência de uma ou de outra não tem nenhum valor distintivo. Um americano falando português vai ter sempre dificuldade de pronunciar a nossa vibrante múltipla em início de palavra como em rio, mas nós o entenderemos porque não haverá distinção significativa. Quer pronunciemos [ˈʀiu] ou [ˈriu] compreenderemos um curso de água, não é mesmo? Assim, haverá neutralização quando existe uma supressão das oposições entre dois ou mais fonemas em determinados contextos, ou seja, quando uma oposição é anulada. O resultado de uma neutralização chama-se arquifonema. Esse conceito foi criado por Trubetzkoy e seus companheiros do Círculo Lingüístico de Praga. Quando existe neutralização,

a realização acústica já não corresponde a um dos fonemas **intercambiáveis**, mas a um arquifonema que compreende ambos.

Quando a alteração anula a distinção entre dois ou mais fonemas, diz-se que houve uma neutralização entre eles e o resultado articulatório é o ARQUIFONEMA; pode acusticamente corresponder a um dos fonemas ou ser um como que denominador comum de todos eles, contendo apenas os traços distintivos em comum. A neutralização é o resultado extremo da variação posicional, como em português a da distinção entre /s/ : /z/ : /ʃ/ : /ʒ/ em posição final diante de pausa (ex.: pus, luz, flux têm uma mesma consoante final, que na pronúncia mais geral luso-brasileira é um [ʃ] atenuado em seu chiamento) (Mattoso Câmara, 2001, p. 119)

Mattoso chama a nossa atenção para um fato particular na língua portuguesa. Existem quatro fonemas /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/ como podemos comprovar em assa, asa, acha, haja. No entanto, quando esses fonemas ocorrem em final de sílaba ou de palavra, acontece a possibilidade de neutralização. Assim a pronúncia do último fonema de feliz poderá variar bastante devido à consoante final: [fe 'lis], [fe 'liz], [fe 'liʃ], [fe 'liʒ] mas qualquer que seja a escolha do falante ela sempre recairá sobre um desses quatro sons que são fonemas em português. O único traço pertinente dessas consoantes que se mantém é o da modalidade fricativa. Mas nesse contexto, a oposição se anula porque, em nossa língua, esses fonemas só se distinguem em posição pré-vocálica. Falamos, portanto, em neutralização quando, em um ambiente fonológico determinado, dois ou mais fonemas perdem distinção entre si. O arquifonema é representado pela letra maiúscula. Por isso, não usamos as letras maiúsculas nas transcrições fonológicas. Mesmo quando fazemos transcrição de frases não usamos as letras maiúsculas no início a não ser que ela esteja representando um arquifonema.

O arquifonema sibilante /S/ de que trata Mattoso Câmara tem realização diferente aqui em Sergipe. Aqui nós empregamos /s/ em final de frase ou diante de pausa. Usamos /s/ também quando de-

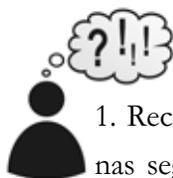
### Intercambiáveis

Que se pode trocar.

pois dele vem um fonema surdo que não seja /t/. O z é usado diante de vogal ou quando depois dele vem uma consoante sonora. Mas nós empregamos também o /ʃ/ diante de /t/ e o /ʒ/ diante de /d/. Veja o quadro:

/S/ = /s/ + C surda = disco [ 'disku]
bolas [ 'bolas]
/S/ = /z/ + C sonora = as bolas [az 'bolas]
vogal = as artes [ az 'aʁtis]
/S/ = /ʃ/ + /t/ = teste [ 'teʃti]
/S/ = /ʒ/ + /d/ = desde [ 'deʒdi]

## ATIVIDADES



1. Reconheça os alofones consonantais que podem estar presentes nas seguintes palavras e classifique-os como posicionais ou livres:

amar =

coitado =

doido =

eterno =

feito

forte =

moita =

leitura =

peito =

pardo =

terno =

2. Dois aracajuanos vão morar no Rio de Janeiro. Depois de 10 anos residindo na Cidade Maravilhosa, um deles continua sendo

identificado como nordestino, mas o outro não. Como se pode explicar esse fato?

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADE

Comentário da atividade

Sei que sem começar a classificar os fonemas, não é nada fácil esses exercícios de afofonia, mas devagar que você acerta. Nós já falamos sobre eles aí no texto.

1. Reconheça os alofones consonantais que podem estar presentes nas seguintes palavras e classifique -os como posicionais ou livres:

amar = [R], [h] e [-] livre  
 coitado = [t] e [tʃ] posicional  
 doido = [d] e [dʒ] posicional  
 eterno = [R], [h] e [-] livre  
 feito = [t] e [tʃ] posicional  
 moita = [R], [h] e [-] livre  
 peito = [t] e [tʃ] posicional  
 forte = [t] e [tʃ] posicional  
 leitura = [t] e [tʃ] posicional  
 pardo = [R], [h] e [-] livre  
 terno = [R], [h] e [-] livre

2. Uma explicação possível será que somente um deles deve ter mantido as marcas prosódicas do Nordeste (alofones, aberturas das vogais etc), continuando, portanto, a ser identificado pelo carioca. A perda dessas marcas pelo outro nordestino pode ter ocorrido devido a contatos linguísticos com falantes de outros dialetos do Brasil, o que favoreceu a uma alteração de seu padrão prosódico de nascimento.



## RESUMO



O fonema é um som que, dentro de um sistema fônico determinado, tem um valor diferenciador entre dois vocábulos. O fonema é um som de uma determinada língua que tem valor distintivo, ou seja, serve para distinguir vocábulos. São unidades fonológicas distintas. Para se identificar fonemas buscam-se dois vocábulos com significados diferentes cujo contexto fônico seja semelhante. Esses dois vocábulos constituem o par mínimo. Assim, no português, dizemos que /t/ e /d/ são fonemas porque o par mínimo ‘cata’ e ‘cada’ demonstra a oposição fonológica. Alofones são variantes de um mesmo fonema.

Os alofones podem ser posicionais, livres e estilísticos.

Alofones posicionais dependem do ambiente fonético em que o som vocal se encontra. Os alofones posicionais dão o sotaque da nossa fala.

Alofone livre é quando os falantes da língua divergem na articulação do mesmo fonema ou um mesmo falante muda a articulação conforme o registro em que fala.

Alofone estilístico ocorre por intenção comunicativa, o falante enriquece a articulação de algum traço não habitual para demonstrar a sua emoção.

Existe neutralização quando, em um ambiente fonológico determinado, dois ou mais fonemas perdem a distinção entre eles.

Arquifonema é o resultado da neutralização. O arquifonema possui os traços comuns a dois ou mais fonemas. O arquifonema é representado pela letra maiúscula.

Chama-se arquifonema a unidade fonológica que resulta de uma oposição neutralizada.

## REFERÊNCIAS

- CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- LYONS, John. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- MARTINET, André. **Elementos de linguística geral**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
- A linguística sincrônica**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1974.
- MATTOSO, CÂMARA Jr., Joaquim. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.
- SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2007.
- TROUBETKOY, Nicolai. **Principes de phonologie**. Paris: Éditions Klincksiech, 1970.